

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNCIA
INSTITUTO DE ARTES VISUAIS – IARTE
CURSO DE ARTES VISUAIS**

CLEITON JHULIO MOREIRA DE BARROS

**PROCESSOS DE CRIAÇÃO INTRÍNSECOS A VIVÊNCIAS, CRENÇAS, CULTURA
E ANSEIOS DO ARTISTA**

**UBERLÂNDIA
2023**

CLEITON JHULIO MOREIRA DE BARROS

PROCESSOS DE CRIAÇÃO INTRÍNSECOS A VIVÊNCIAS, CRENÇAS, CULTURA
E ANSEIOS DO ARTISTA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Artes Visuais
na Universidade Federal de Uberlândia,
como exigência parcial para obtenção dos
títulos de Bacharel e Licenciatura em Artes
Visuais.

Orientadora: Prof^a Dra. Elsieni Coelho da
Silva

UBERLÂNDIA

2023

CLEITON JHULIO MOREIRA DE BARROS

PROCESSOS DE CRIAÇÃO INTRÍNSECOS A VIVÊNCIAS, CRENÇAS, CULTURA
E ANSEIOS DO ARTISTA.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Artes Visuais na
Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção dos
títulos de Bacharel e Licenciatura em Artes Visuais.

Orientadora: Prof^a Dra. Elsieni Coelho da Silva

Dr. Renato Palumbo Doria

Dra. Tamiris Vaz

UBERLÂNDIA

2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela perseverança e fonte de inspiração.

Agradeço à minha mãe, por ser inspiração e nunca me deixar desistir e estar sempre incentivando a minha empreitada.

Agradeço à minha madrinha, por todo suporte e conselhos.

Agradeço à Igreja Sal da Terra, por oportunizar experiências para meu crescimento profissional e espiritual e por ceder espaço para o meu trabalho.

Agradeço aos meus amigos, por fazerem questão de me auxiliar na participação do processo da oficina.

Agradeço à minha família, por estar sempre ao meu lado.

RESUMO

Ao explorar a interseção entre arte e religião, surge a oportunidade de integrar esses dois temas de maneira significativa, seja para ser compartilhado durante uma aula ou por meio de outros métodos de aprendizagem. O propósito central deste estudo consistiu em investigar como a arte e a religião evangélica se entrelaçam no contexto do ensino, buscando determinar se há espaço para a introdução da arte no cenário religioso contemporâneo. Por meio de uma abordagem qualitativa, conduziu-se uma pesquisa fundamentada em um estudo de campo, culminando na realização de uma oficina na Garagem da Célula Holy, direcionada ao Grupo de Jovens Cristãos. O objetivo era proporcionar uma tradução do entendimento sobre a religião por meio da expressão artística. Constatou-se que a complexidade da arte e da religião não se limita apenas às formas em que ambas se entrelaçam ao longo da história. Fica evidente que ambas constituem formas de expressão que podem coexistir ou permanecer independentes. Contudo, seria um equívoco restringi-las exclusivamente à expressão, pois o artista, ao criar uma obra, estabelece uma comunicação com os espectadores, permitindo que cada indivíduo a interprete de maneira única.

PALAVRAS-CHAVE: Arte. Religião. Belo. Expressão.

ABSTRACT

Studying art while being immersed in religion gives rise to ideas on how to integrate both themes for dissemination during a class or other forms of learning. Thus, the main objective of this study was to investigate how art and religion intersect in the teaching process, demonstrating if there is any way to introduce art into the religious environment in contemporary times. Through qualitative research, a field study was conducted, culminating in a workshop at the Holy Cell Garage, tailored for the Christian Youth Group, aiming to convey understanding of religion through artistic expression. It was observed that the complexity of art and religion is not limited solely to the ways in which they intersect throughout history. It becomes apparent that both are forms of expression that can coexist or stand independently. However, it would be incorrect to confine them solely to expression, as the artist, in creating an object, establishes a form of communication with recipients who will appreciate the work, and each individual may interpret it in their own way.

KEYWORDS: Art. Religion. Beautiful. Expression.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Encenação teatral com a temática sobre suicídio.	20
Figura 2 - Visualidades utilizadas na encenação com a temática sobre suicídio.	21
Figura 3 - Decorações utilizadas durante o evento.	21
Figura 4 - Acampamento Next Level.	22
Figura 5 - Capacete utilizado pelo "DJ" durante a festa.	24
Figura 6 - Encenação realizada durante a festa.	25
Figura 7 - Encenações realizadas durante a festa com o personagem Coringa.	26
Figura 8 - Finalização do evento e as cenas.	27
Figura 9 - Decoração do velório encenado.	29
Figura 10 - Abertura do acampamento Game Over.	31
Figura 11 - Letreiro de luz iluminado no acampamento.	31
Figura 12 - Decoração da festa das cores.	32
Figura 13 - Performance "Bonecos de Plástico".	33
Figura 14 - Encenação dos bonecos carregando a cruz com os pecados.	34
Figura 15 - Decoração da representação de "Influencer".	34
Figura 16 - Encenação sobre a Noiva.	35
Figura 17 - Encenação da Igreja Adormecida.	36
Figura 18 - Encenação do milagre pela fé.	37
Figura 19 - Turma de jovens antes de uma apresentação teatral.	37
Figura 20 - Dinâmicas realizadas pelo grupo de jovens.	38
Figura 21 - Interpretação das "máscaras" de "Crente".	39
Figura 22 - Cobra apresentada aos participantes.	42
Figura 23 - Assemblagem construída para a oficina.	44
Figura 24 - Arte digital de anjos.	45
Figura 25 - Exemplos de artes não convencionais.	45
Figura 26 - Participantes ouvindo às músicas.	50
Figura 27 - Dinâmica de desenho em duplas.	50
Figura 28 - Oficina e desenhos realizados com os jovens e adultos.	51
Figura 29 - Projetos apresentados pelos participantes.	52

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. CONCEPÇÃO DE ARTE, ENSINO E LIBERDADE DE EXPRESSÃO.....	11
2.1 Arte em teoria	13
3. APRESENTAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS	18
4. A CONCEPÇÃO DE UMA OFICINA DE ARTE E RELIGIÃO COMO CAMPO INVESTIGATIVO	40
4.1 Arte e religião como prática formativa.....	41
4.1.1 O conceito de belo.....	42
4.1.2 Experiências sensoriais.....	43
4.1.3 Assemblagem.....	44
4.2 Resultados e discussão de cada etapa da oficina	46
4.2.1 O conceito de belo	49
4.2.2 Experiências sensoriais	49
4.2.3 Assemblagem	51
4.2.4 Reflexões	53
5. CONCLUSÃO	54
REFERÊNCIAS.....	55
ANEXOS.....	56

1. INTRODUÇÃO

Tolstói teve uma crise religiosa no findar do século XIX, onde se via isolado de outros indivíduos, devido ao progresso de uma forma de pensar que modernizou a religião, levando a escrever uma de suas maiores obras: O que é arte? A partir disso, o autor reuniu diversos estudos que abordavam o assunto, transparecendo uma opinião forte, trazendo uma ideia diferente do que a arte deveria ser, não abordando somente o conceito de belo – bastante difundido atualmente – mas também um conceito de algo bom, criativo e único (Tolstói, 2019).

A percepção sobre o que é a religião e o que é a arte, podem ter um sentido semelhante, tendo em vista que ambos os conceitos dependem da interpretação individual e podem ter diversos formatos. Por exemplo, existem diversos tipos de religião, assim como, diversos tipos de forma de expressão de arte; e o seu entendimento se dará a partir da visão de cada um. Historicamente, tentar definir e racionalizar tanto a arte, quanto a religião, tem sido de cunho bastante complexo para os pensadores, não sendo esta a única ligação destes dois aspectos (Knoll, 1996).

Dito isso, o que poderia ser considerado arte? E Deus? Quem seria Deus? Como sentir Deus? Como sentir a arte?

São diversas indagações que podem ser respondidas de uma forma simples: a expressão do próprio ser. Muitos vão clamar por Deus num momento de aflição, mas muitos também clamarão por Deus no momento de alegria, agradecendo por seus ganhos. Na mesma medida, a arte pode ser despertada nos mais diversos momentos: uma música num momento triste, uma pintura num momento criativo, uma dança durante um sentimento de felicidade; ou seja, são diversas as formas de se entender a arte e de sentir Deus.

Em razão disto, ao estudar sobre arte e estar envolvido com a religião, cria-se uma ideia sobre como unir ambos os temas, a fim de repassa-lo durante uma aula ou outro tipo de método de aprendizagem. Sendo assim, o objetivo principal deste estudo foi investigar como a arte e a religião evangélica se conectam durante o processo de ensino, demonstrando se há alguma forma de introduzir a arte no ambiente religioso nos dias atuais. Como objetivos específicos, este estudo irá: I) Buscar conceitos sobre a arte e sua ligação com a ideia do belo; II) Compreender a liberdade de expressão e a ideia de arte que as obras podem passar aos indivíduos; III) Conceituar a ideia de

emoção e interpretação em relação à arte; e IV) Propor uma atividade no ambiente religioso, a fim de obter reflexões acerca da temática.

Ao estudar a linha histórica, Knoll (1996) enxerga que a arte pode ser uma parte da religião, ou então, pode ser um todo da divindade, mas é possível afirmar que ambos os conceitos têm andado lado a lado ao longo da história e entende-los de forma relacionada, pode ser uma forma de aplica-los dentro do contexto educacional, incentivando os alunos a estudarem as Artes e também conectar o divino a estas atividades.

Para isso, o primeiro capítulo se embasou em apresentar conceitos ligados à arte, como entender a sua ligação com o belo, a sua desconexão com o belo e as emoções, as formas de interpretação de arte e a questão da complexidade de se conceituar a arte. O segundo capítulo traz experiência do autor, onde se mostram situações onde a arte e a religião foram essenciais para a realização de atividades, com ilustrações sobre cada evento. Após a metodologia, foi apresentada uma oficina realizada com Jovens Cristãos, demonstrando como a arte pode alcançar a religião e como o incentivo através da religião pode alcançar a arte.

2. CONCEPÇÃO DE ARTE, ENSINO E LIBERDADE DE EXPRESSÃO

Ainda no início do texto, Tourinho (2002) esclarece que o próprio docente se vê num impasse ao resumir que o ensino de arte fala sobre emoções e sentimentos, tendo em vista que para definir o conceito de arte, tem-se ainda uma discussão muito complexa a partir do que realmente a arte significa e como ela se impõe atualmente na sociedade. Sabe-se que a arte possui um valor muito grande, principalmente no que tange a cultura, mas ainda é necessário pensar sobre o valor econômico, político, geográfico e demais aspectos que permeiam essa discussão.

Vale-se ressaltar que a arte também está nos olhos de quem a vê, ou seja, a arte é sentida pelo receptor de uma forma, enquanto o artista pode ter tido outra intenção com sua obra, podendo ainda o objeto exaltar outra percepção que irá diferir das duas concepções. Por essa razão, pode-se implementar ao conceito de arte, uma multidisciplinaridade que irá ser percebida no momento da interpretação de um indivíduo, dependendo de um contexto para que um entendimento sobre a obra seja elucidado e a expressão de arte assuma o seu papel perante a sociedade, despertando um senso crítico a respeito de algo.

Ao alocar este pensamento na forma de educar, é visto que Tourinho (2002) levanta ainda mais indagações, tendo em vista que o contexto escolar envolve diversos personagens e fatores que, podem diretamente ou indiretamente, influenciar sobre o entendimento artístico de algo. A questão da multidisciplinaridade também é debatida, haja vista que a arte tem sido cada vez mais abordada nas escolas em decorrência de sua ligação com outras disciplinas, podendo explicar questões e dar novos rumos para os conteúdos. Deve-se atentar que a arte irá compreender relações que vão além da estética, e por essa razão, esta se desatreia da filosofia, de forma que o belo seja parte dos aspectos relevantes para o seu entendimento, mais uma vez revelando a importância da multidisciplinaridade para a arte.

Logo, a autora entende que essa multidisciplinaridade dá muitas vertentes para o conceito da arte, não relacionando a área somente ou intimamente à expressão e aos sentimentos, já que esta possui um conceito amplo e variado que, ao diminuir o espectro de entendimento somente às emoções, pode vir a restringir outras interpretações importantes sobre o que é a arte. Ao entender que o entendimento sobre algo depende de como uma informação é dada e para quem ela é dada, o entendimento sobre uma obra pode ter a intenção de despertar dado sentimento num

indivíduo, mas também pode significar somente o sentimento do autor; da mesma forma, a arte pode ser uma expressão do artista, mas ela também pode expressar algo das pessoas. Assim, a expressão não é somente uma forma de transmitir sentimentos, assim como a obra também não será somente uma expressão.

São diversos os verbos utilizados para dar entendimento sobre o que a arte é capaz de acender em seus espectadores, no entanto, é necessário compreender que o pensamento crítico sobre algo pode levar ao entendimento, o que pode levar ao ensino. Da mesma forma, o pensamento pode levar ao sentimento, sem que os dois se unam necessariamente, mas que um dê uma percepção sobre a situação e o outro seja despertado diante deste entendimento. Por isso, o docente é capaz de escolher as melhores formas de abordar a arte, já que esta criará uma ligação com os alunos (receptores) e assim dará início a trocas que contribuirão para a aprendizagem.

As trocas citadas, podem ter relação com a história de um lugar, com a cultura de um povo, com a situação social de uma população e diversos outros contextos; fazendo com que se tenha o entendimento que a arte irá despertar algo, podendo ser uma emoção ou sentimento, ou outras percepções, fazendo com que o autor penda mais para a interpretação da obra ou então para o entendimento do que o artista pretendia com aquela expressão. Vale ressaltar que o docente neste momento não assume o papel de artista, mas deverá utilizar de seu conhecimento para aplicar metodologias ativas para o entendimento de arte transcender o belo.

Compreendendo isto, a autora explicita que dentre uma obra que apresenta 23 conceitos diferentes sobre a arte, nenhum deles aborda a expressão de sentimentos ou emoções como definição, o que dá ainda mais munção para que o belo não seja o único critério para se compreender ou ensinar arte. A arte terá relação com o valor, já que despertará valores e também criticará valores, sendo por vezes polêmica para seus receptores, no entanto, isto não pode deixar de lado a expressão, já que um está atrelado ao outro, mais uma vez fazendo com que esta discussão vá além do que se espera. Com isso, vê-se a complexidade de desatrelar a arte das emoções, mas assim como foi com o entendimento sobre a arte estar atrelada à natureza e evoluir para a expressão de sentimentos, esta pode mais uma vez estar em transição sobre seu real conceito diante às pessoas.

Sabe-se que o papel das escolas é formar indivíduos conscientes e com pensamento crítico, e ao trazer à tona o papel da arte de trazer novos olhares sobre perspectivas já conhecidas, pode-se dizer que a arte terá papel relevante para a

educação, principalmente ao ponderar que seja capaz de dar relevância a assuntos ainda não discutidos. Para explicar isto, Tourinho (2002) dá o exemplo da sinceridade do artista, onde ao relacionar a obra com os sentimentos, acaba se tornando complexa a tarefa de analisar a sinceridade do autor dentro de suas intenções – já que estas podem variar de acordo com o receptor, como já dito anteriormente. Outra forma de enxergar a afirmação sobre o papel crítico da arte, é entender que por vezes o comportamento diante às emoções pode se mostrar confuso, o que acaba não transparecendo realmente aquilo que foi sentido.

Outro aspecto é que as sensações também não devem ser confundidas com emoções, já que a percepção sobre algo não irá necessariamente influenciar nas emoções daquele indivíduo. A intenção da arte, portanto, será de transformar alguém ou algo, onde no contexto educacional, ao transformar um aluno, suas percepções sobre dado conteúdo irão ser alteradas, e isto envolverá – não será o único fator – os sentimentos.

Os sentimentos, logo, serão alterados durante um processo. Tal alteração transformará o mundo do indivíduo a partir disto, sendo importante que tais emoções e sentimentos sejam construídos a partir de um contexto histórico-social, que não sejam o foco de aprendizagem ao vivenciar uma experiência artística e ainda sejam capazes de se transformar ao longo de uma análise e que aja de acordo com as perspectivas culturais do contexto. Tudo isto, valorizará o entendimento do que a arte realmente significa dentro da aprendizagem e como esta será orientada diante dos alunos, utilizando os sentimentos e as emoções como parte de um todo que é capaz de se aprofundar para trazer à tona novas perspectivas de vida.

Assim, pode-se concluir a partir do texto de Tourinho (2002) que a arte não tem a expressão e o sentimento como pontos principais, sendo necessária maior atenção para que o artista não receba créditos exclusivamente por isso, já que também devem ser levados em consideração fatores sociais e culturais da arte para sua demonstração. De fato, que a vivência e a experiência do artista são importantes partes de um processo, mas ainda é necessário compreender como a espiritualidade, a alma e a natureza são capazes de interferir na expressão e então dar um novo sentido para a arte.

2.1 Arte em teoria

A partir do conhecimento obtido com as leituras anteriores, viu-se que a arte é complexa e por isso não possui uma conceituação bem definida, o que também é descrito por Moura (2009). No entanto, o autor faz uma reflexão bastante importante, onde cita que “[...] a prática artística é sempre, por definição, contrária à sua própria definição” (Moura, 2009, p. 7). A partir desta fala, pode-se chegar à afirmativa de que a arte é complexa, mas não somente por não se definir, mas também por ser contrária às definições, o que a leva à autenticidade.

Por tempos, filósofos da área tentaram compreender como a arte se estabelece no espaço, chegando à conclusão que a melhor forma de estudá-la, seria estudando os seus objetos. A partir disto, surgem as teorias essencialistas da arte, auxiliando a caracterizar o objeto para que este seja tomado como arte, onde podem dificultar o enquadramento dos objetos, já que pode se tornar muito exclusiva ao tentar estabelecer um padrão, mas pode ser bastante abrangente, tentando alcançar uma flexibilidade. Ao exemplo de Moura (2009) é citado Robin Collingwood, referência do expressionismo, onde o filósofo estabelece que discursos políticos podem ser arte, já que consegue se enquadrar em algumas teorias.

Ao passar dos anos, surge então o romantismo, momento em que a fotografia entra em evidência na arte e os termos emotivistas, expressionistas ou expressivistas são utilizados para definir este movimento artístico, dando maior valor para o entendimento humano, seus sentimentos e emoções, indo afundo no entendimento da psique. No entanto, assim como as teorias criadas para o objeto de arte, havia um problema no entendimento da arte a partir dos sentimentos: nem toda arte despertava emoções, e nem tudo que desperta emoção é arte (um cartão de aniversário, por exemplo). Novamente, Collingwood aparece em evidência, estabelecendo uma tese onde as emoções são mecanismos expressos a partir da arte, sendo uma necessidade humana, permitindo ao espectador que se conheça melhor por se aprofundar em si mesmo ao se deixar levar por suas emoções.

Uma das ideias de arte, chama-se formalismo, em que insiste que a emoção e o sentimento não são essenciais à arte, baseando-se a partir do problema de entender a arte a partir das emoções (nem tudo que produz emoção é arte). Ao exemplo Clive Bell, um dos ideólogos mais conhecidos, defende o formalismo explicando que para entender arte não é necessário um grande conhecimento, já que não possui a intenção de gerar conhecimento, moral ou sentimento. O hedonismo, outra ideia artística, defende que a emoção sentida a partir da arte é uma emoção estética, onde o

indivíduo não se emociona verdadeiramente, mas sim pelo belo que é produzido pelo objeto. As demais ideias defendem o objeto em si, mas sem interligá-lo à discussão de emoção, mas sim somente ao movimento.

A partir desta discussão, com diferentes opiniões a respeito de filósofos que defendem teses sobre a arte, Moura (2009) estabelece que o entendimento sobre o objeto tem muito a ver com o princípio psíquico, pois se entende que os objetos que produzem arte são capazes de provocar reações momentâneas nas pessoas que os contemplam, tendo mais a ver com consciência do que a emoção em si. Entretanto, não é possível desconectar as emoções da arte neste momento, mesmo que tais reações sejam decorrentes somente do objeto em determinada situação, não atingindo profundamente os sentidos do espectador. Tal perspectiva tende a ser parte das teorias funcionais da arte, já que busca explicá-la a partir daquilo que ela desencadeia em uma pessoa, analisando seus efeitos (sendo emocionais ou não).

No mais o autor cria uma discussão sobre como considerar a arte, se a perspectiva a partir de um objeto é o suficiente para se considerar arte, se a arte pode ser chamada de instituição e afins. Para isso, o autor utiliza opiniões e pesquisas de diversos filósofos da área, como Dickie que acredita que a arte pode ser considerada como instituição, tal qual a Igreja, devido à forma com que ela se dispõe na sociedade. Questões como agentes da arte e a história da arte também são consideradas para criar uma definição para a arte, levando à apresentação dos textos presentes na obra de Moura (2009) após esta pequena introdução.

No texto de Collingwood sobre a arte autêntica como expressão, o autor inicia sua explicação, demonstrando a importância da arte autêntica, que não deve ser encarada somente como um problema e para tal, é importante que se apresente dados que embasem uma argumentação concreta de qualidade sobre isso. Primeiramente, o autor estabelece três hipóteses para começar a lidar com o assunto, estabelecendo que a arte não possui meios e fins como os campos da História e da Ciência, a arte é capaz de despertar algo em quem contempla um objeto e a arte é capaz de produzir algo (não necessariamente uma coisa) (COLLINGWOOD, 2009, *apud* MOURA, 2009).

Neste momento, é apresentada uma discussão consistente sobre o artista exprimir emoções. Entende-se que não necessariamente a arte vai despertar a emoção, mas é conhecido que o artista utiliza emoções para construir um objeto, onde a partir disto é entendível que o ato de exprimir a emoção não tem a ver com a arte de despertá-la, mas sim com um indivíduo ter uma perturbação a respeito de alguma

coisa, que ele não sabe explicar o que é e que também não consegue explicar o que sente. Ao falar sobre isso, o indivíduo se livra de uma pressão em sua consciência, já que externa que está sentindo algo e necessita falar sobre isso.

Aplicando este entendimento à arte, quando um artista fala sobre algo através de sua obra, talvez a intenção não seja provocar o mesmo sentimento no seu ouvinte, mas sim fazer saber que ele sente algo, de forma que o sentido seja utilizado como forma de se comunicar e exprimir as emoções. Logo, essa expressão não terá um público específico e também não irá provocar sensações específicas no ouvinte, tornando a arte algo significativo e não padrão. Por esse motivo, a teoria não é absoluta, já que os meios nem sempre provocarão os mesmos fins, dependendo do entendimento e para quem o objeto está sendo apresentado.

Assim, a arte autêntica terá seu entendimento a partir da expressão de emoção, onde o artista precisará desempenhar seu papel através de seu conhecimento sobre o que e como despertar nos indivíduos que irão consumir a sua obra, tal qual o exemplo dado no texto de Collingwood *apud* Moura (2009), quando um médico busca um tratamento para o seu paciente, ele busca reproduzir os resultados positivos que teve em outros pacientes (onde nem sempre terá sucesso, mas ele sabe o que fazer para tentar chegar neste fim). Geralmente, a arte é um conjunto de características que precisará fazer parte do objeto, portanto, garantindo que as expectativas sejam satisfeitas e tenha aspectos que assemelhem a obras da mesma categoria; no entanto, a arte autêntica não se introduzirá neste contexto, sendo necessário um desprendimento do padrão e apresente com clareza aquilo que se deseja exprimir.

Collingwood relembra que o fato de falar “artista” e “ouvinte” não significa que o artista deve ser tratado como um ser superior aos demais devido a um suposto dom, mas sim como um detentor de algo que pode ser expressado para outras pessoas, onde estas se tornam seu público por partilhar das mesmas convicções e entenderem a sua arte. O artista pode ser qualquer tipo de artista, um pintor, um poeta, um músico ou qualquer outro indivíduo que seja capaz de produzir arte; mas em nenhum destes exemplos, o artista se encontra acima de seu público, ao contrário, todos são capazes de produzir arte a partir do compartilhamento de expressões. Para ilustrar a situação, o autor fala sobre uma torre de marfim, onde se caracteriza como uma maldição já que a teoria da arte estigmatizada o artista como um ser acima dos outros, fazendo com que artistas façam arte para outros artistas e estes tenham que conviver entre si,

definindo e não reproduzindo as suas obras (COLLINGWOOD, 2009, *apud* MOURA, 2009).

Por fim, é explicitado que o artista também não será exagerado, já que a arte autêntica consiste em saber como passar as emoções, não sendo importante o choro de alguém, mas sim o porquê este alguém está chorando. A expressão das emoções, portanto, é representada pelo saber fazer, não tendo ligação com somente definir a arte como sentimentos e emoções, mas sim desperta-los em outrem.

3. APRESENTAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS

Após uma longa vivência no contexto religioso, percebi que a religião, onde é um celeiro de arte, não tem se falado ou praticado esta área para alcançar fieis ou pessoas. Geralmente igrejas e líderes religiosos têm mistificado e “demonizado” o conceito de arte, porém ao analisar escrituras bíblicas venho percebendo o quanto este livro é rico em segmentos artísticos e o quanto o contexto religioso precisa ampliar seus horizontes a respeito da arte que vem sido muitas vezes sucumbido pela ignorância no campo de religiosos.

Portanto ao fazer parte deste segmento religioso me vi no direito de começar a manifestar e vivenciar variadas linguagens artísticas em que são benéficas ao mesmo, tais como performance e instalações, assim como acontece em festivais artísticos que são contemporâneos atuais, como o Festival EntreArtes sediado na Universidade Federal de Uberlândia que acontece todos os anos.

Eu congrego na Igreja Sal da Terra de Uberlândia em um bairro periférico repleto de jovens de classe baixa, onde nos consideramos uma igreja jovem, com isso estamos sempre buscando novos métodos de evangelismo, formas atrativas para captação de jovens para entender a Palavra de Deus, de uma forma lúdica e eficaz.

Uma das atividades promovidas por nós (Líderes de Jovens) são Acampamentos interativos, retiros espirituais, eventos, atividades, reuniões, dinâmicas e dentre outros. E em todas estas atividades temos a necessidade de usar linguagens artísticas e métodos que sejam dinâmicos e proativos para melhor entendimento.

Começando pelos acampamentos de Jovens que fazemos todos os anos, nos meses de janeiro, sempre nos reunimos antes e buscamos em oração um tema atual que seja pertinente ao momento que estamos vivendo, alinhando com a Palavra de Deus, que traga respostas claras eficazes para indagações que sempre surgem na adolescência, pois acreditamos que nosso livro sagrado (Bíblia) nos traz a resposta de todas as necessidades que temos no decorrer da vida, como por exemplo: Qual o sentido da vida? Por que morremos? Quem somos nós? Pra onde vamos? O porquê do sofrimento?

E são por meio destas perguntas, que são indagações de todos os seres humanos, que partimos para nosso processo de criação das atividades.

Após definido o tema, fazemos nosso *brainstorming*, compartilhando várias ideias e vivência até chegarmos a alguma atividade específica.

Por exemplo, em 2016 fizemos um acampamento no qual o tema era abordar os frutos das nossas escolhas, portanto, fizemos um longo percurso de perguntas relacionadas à nossas atitudes que baseado nas respostas teríamos que pagar a consequência, e nesse percurso ficavam algumas pessoas que faziam parte da organização, que faziam perguntas como: Você é viciado em algo que te domina? Você honra seus pais? E assim sucessivamente, e cada pessoa com a pergunta estavam espalhadas em uma fazenda onde acontecia o acampamento, todas separadas em lugares distantes uma das outras, as perguntas eram feitas de forma sucinta e objetivas sem muita interatividade para refletirem, pois em toda parte dos acampamentos todos os jovens eram recebidos com muita animação e entusiasmo, mas no momento das atividades ficamos bem sérios para dar o ar de suspense. A distância de uma pergunta para outra é uma distância relativamente longe para o jovem ir refletindo sobre sua resposta, e por fim quando chegaram ao final do longo percurso espalhado pela estância (fazenda), os jovens chegavam a sua "recompensa" que era onde montamos um cenário obscuro com sons assustadores, com iluminação que passavam a sensação de um lugar fúnebre e bem apertado.

Neste pequeno espaço onde passamos a recompensa de cada jovem, fizemos propositalmente um local comprimido para se sentirem incomodados com o calor causado pela fumaça que promovemos e pela quantidade de pessoas que tiveram que se apertar no mesmo. Com isso, o objetivo final era refletir sobre nossas atitudes, por mais que cremos serem boas, elas podem nos levar a consequências terríveis que nos incomodarão para sempre. E o mais interessante de tudo é que todos foram para o mesmo lugar de "recompensa" mesmo que suas respostas fossem adequadas conforme aos ensinamentos que temos para se ter uma vida de qualidade, isso para que pudessem refletir sobre a passagem bíblica que se encontra no livro de Romanos 3:23: " Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus." Ainda que tenhamos boas intenções jamais conseguiremos chegar em uma plenitude, com isso, cremos que por meio de Jesus, nossas consequências são amenizadas pois ele já levou sobre si, todas as dores e consequências maiores que deviam vir sobre nós.

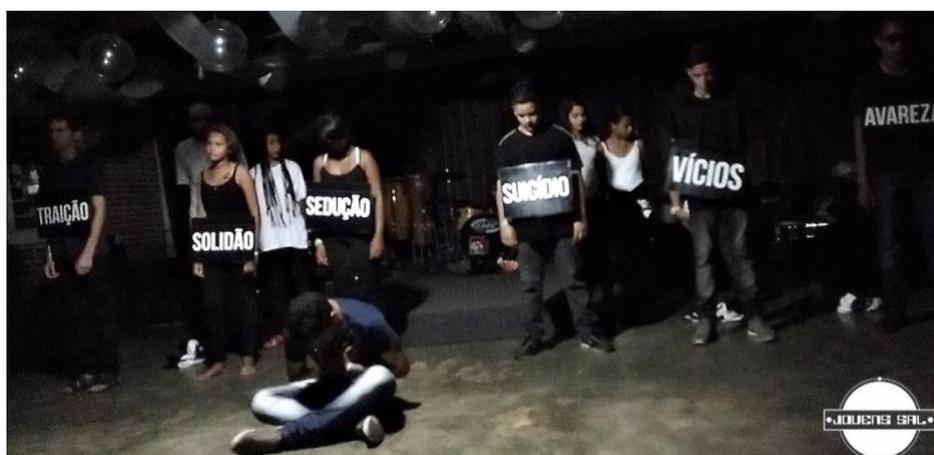
A finalidade da dinâmica é entender que, nós humanos, pendemos para uma natureza má, cuja é invejosa, traição, roubo, adultério, homicídio, guerra, dissensão, falta de empatia e muitos outros sentimentos que nos levam a nossa autodestruição,

mas que por meio dos ensinamentos de Jesus vemos que podemos chegar o mais perto da plenitude, e que nossas limitações que não nos deixam alcançá-la, Jesus supre, pois Ele foi perfeito e nos justifica diante das consequências maiores que nos podiam sobrevir.

Após essa ação performática, fazemos uma explanação explicando todo conceito a todos os jovens, reforçando a ideia do Evangelho.

Também neste mesmo acampamento que ocorreu no ano de 2016 fizemos outras abordagens relacionadas a suicídio, abordando um tema em alta no meio de jovens que se sentem confusos em meio a tanto sofrimento. A atividade promovida para leva-los a reflexão foi uma performance teatral em que mostrávamos as consequências que levavam a este tipo de sentimento. Usamos placas com o nome de cada personagem para encenar o sentimento que os levavam a tal situação (Figura 1). E no desenvolver da performance encenamos um suicídio devido a escolhas feitas pelo personagem central que pela falta de conhecimento acabou se levando pela guerra interior por não conseguir dominar as situações eventuais que acontecem na vida.

Figura 1 - Encenação teatral com a temática sobre suicídio.



Fonte: Autoria própria (2016).

Usamos nesta performance algumas visualidades que faziam alusão à hipnose, através de guarda chuvas pintados em espiral onde fizemos algumas coreografias remetendo as decepções (Figura 2).

Figura 2 - Visualidades utilizadas na encenação com a temática sobre suicídio.



Fonte: A autoria própria (2016).

Ainda dentro do acampamento, também trabalhamos outros aspectos para a complementação dos significados do evangelho, através de decorações com símbolos religiosos, como a cruz, madeira, a luz (que significa a vida) (Figura 3).

Figura 3 - Decorações utilizadas durante o evento.



Fonte: A autoria própria (2016).

Nesta decoração fizemos duas placas de madeira com uma cruz vazada que elucida a ressurreição de Jesus, onde foi morto no madeiro, mas que se encontra vazia, pois cremos que Ele venceu a morte e não se encontra morto na cruz e nem mesmo em túmulos, pois ressuscitou de carne e osso, já a madeira além da textura que ajuda na harmonia da decoração faz lembrar do madeiro onde Jesus foi crucificado e também a relação que Jesus sempre teve com a carpintaria, e sua vida assim como de outros profetas, eram sinais para o que haveria de vir, que é a construção de uma obra sobre a vida das pessoas, onde ele usa a ferramentas (evangelistas) para moldar vidas, esculpir retirando a madeira desnecessária de nossas vidas que nos atrapalham de chegar a plenitude, e através de seus conhecimento em esculpir (salvar) somos moldados para chegar a plenitude, sem a qual não podemos conseguir chegar só. As luzes próximas à cruz representam o espírito da vida que ressuscitou Jesus e nos deu a direção e o conhecimento para seguir o caminho. A luz vermelha aos pés da cruz remete ao sangue de Jesus que deu sua vida por amor ao mundo. A vida se encontra no sangue.

O próximo acampamento a ser relatado nomeamos de "Next level" (Figura 4), onde buscamos tratar de um nível a mais que podemos alcançar em nossas vidas espirituais, mas que é preciso nos abster de algumas regalias que achamos ser benéficas, mas que nos levam a perdição, pois assim como um regime nos traz um corpo saudável e desejado, assim também é em nossas vidas espirituais atreladas as nossas disciplinas, onde obteremos grandes resultados na vida espiritual.

Figura 4 - Acampamento *Next Level*.



Fonte: Autoria própria (2016).

Começando pela visualidade que usamos neste acampamento, fizemos setas de lâmpadas tubulares led apontadas para direita como o simbolismo de progressão, evolução. Utilizamos o fundo preto para que houvesse um destaque maior das lâmpadas.

A performance que usamos neste acampamento foi simular uma festa, em que já havíamos combinado a meses que haveria em um dos dias do acampamento, e nesta festa era pra todos se prepararem e produzirem com adereços de carnaval, já que o mesmo aconteceu na mesma data comemorativa do carnaval, e assim fizemos. Fomentamos todos os jovens a se preparar para uma festa de carnaval que teria, e todos deveriam se produzir conforme o tema da festa.

Começamos a festa propondo que todos os jovens formassem grupos de dança para se apresentarem na festa alguma coreografia criativa, e que a mais criativa levaria algum prêmio, com isso todos os jovens se empolgaram em criar algo bem legal relacionado ao carnaval, mas um desses grupos que viria a se formar já era planejado antes do acampamento de fazer uma performance que levariam a refletir sobre deleites que nos impedem de alcançar um nível de vida mais elevado. Após alguns grupos se apresentarem fizemos nossa "apresentação", ninguém sabia que já era programada essa armação, todos pensavam que fizemos um grupo aleatoriamente, porém, mal sabiam que já era tudo programado.

Quando entramos em cena, entramos no clima da festa e da proposta, portanto, começamos a dar uma leve alteração no teor das músicas escolhidas, no início da festa tinha um "DJ" que tocava a festa conforme a sua vontade, e quando entramos as músicas passaram de músicas com teor leves para um clima mais pesado fazendo apologia a drogas, prostituição, ambições e vaidade tudo aqui que vai de contra aos ensinamentos religiosos. A princípio causou algumas estranhezas, porém o grupo tinha o intuito de dançar com todos juntos, isto faria parte da apresentação, atrair todos os jovens a dançar como se aquelas letras fizessem parte do seu dia a dia naturalizando e desconstruindo tudo o que já havia sido ensinado.

Em seguida, todos entraram no clima, e deixamos rolar durante muito tempo uma festa secular. O "DJ" começou a tomar mais frente da festa, a interagir com os jovens e dali em diante todo conceito que sempre colocamos em pauta o "DJ" começou a desconstruir, e assim enganando a todos da festa, levando-os a "perdição".

Alguns jovens não caíram na pegadinha, pois por mais divertida que estivesse a festa, não se deixaram levar pelos desejos que nos sucumbem da evolução espiritual. Porém outros foram enganados facilmente esquecendo todas as condutas cristãs. O “DJ” usava um capacete bastante conhecido no mundo de festas eletrônicas e também por jovens, chamado de Marshmello (Figura 5). Todos acharam normal, e não viram problema quanto a isso.

Figura 5 - Capacete utilizado pelo "DJ" durante a festa.



Fonte: Autoria própria (2016).

Porém, mal sabiam que era uma surpresa, pois assim que ele dominou a festa deixando com que a maioria se esquecesse de tudo que temos aprendido, o “DJ” começa a encenar com o grupo que já havia se preparado, e repentinamente começa a tocar uma música para cada personagem do grupo, e cada música ele dançava e os incentivava a fazer alguma performance que represente o seu papel, como a soberba, vaidade e dentre outros. Todos estavam com máscaras de carnaval que tampavam bem os seus rostos e muito bem apresentados demonstrando felicidade, o intuito, até então, era demonstrar sobre a falsa felicidade, no qual nos escondemos atrás de sentimentos e desejos, mas que dentro de nós não estamos felizes em estar daquela maneira, portanto, a cada personagem o “DJ” começava a incentivá-los cada vez mais a serem daquela forma (soberbo, orgulhoso, arrogante) e ele dançava com

cada um e sutilmente amarrando-os em correntes, para demonstrar o quão aprisionados ficamos a esses sentimentos quando os alimentamos (Figura 6).

Figura 6 - Encenação realizada durante a festa.



Fonte: Autoria própria (2016).

E após todos acorrentados onde já não tinham mais domínio de si próprio por estarem embriagados de si mesmos aos maus desejos, o suposto “DJ” começa tirando seu capacete de disfarce (sua máscara de Marshmello), ao fazer isso todos se surpreendem pois veem o personagem curinga de filmes que tem a representação de alguém trapaceiro, dominador, perverso e mal, após a cena, todos se assustam, pois percebem que foram enganados, e após o susto, o curinga, o potencial personagem a fomentar tais desejos e enganar a todos, muda totalmente o clima do ambiente trocando de músicas alegres para músicas de terror e fúnebre, dando início a seu espetáculo, retirando as máscaras de cada personagem e mostrando o que se passa por de trás de cada coração que usam os sentimentos e vaidade para se esconder.

E ao passar retirando as máscaras, os personagens do grupo encenavam suas angústias internas que escondiam por de trás de uma falsa felicidade, soberbas e vaidades demasiadas, com gritos, choros, demonstrando suas fraquezas a todos, externando onde foram às raízes de tais sentimentos que surgiram na infância, pelo abandono, abusos, violência e afins. Trazendo à tona todos os sentimentos que jovens geralmente passam e que muitas das vezes se escondem atrás de um personagem agressivo, arrogante, vaidoso, rebelde, prepotente, orgulhoso e transgressor. O intuito no momento era fazê-los refletir o porquê de, usualmente, sermos tão infelizes e com

personalidades tão agressivas e transgressoras, infligindo o bom caráter sendo levada pelos desejos de ódio, inveja, roubos, vingança, insatisfação.

Após a exposição da fragilidade de cada personagem, no qual retirou as máscaras no sentido literal e figurado, o Coringa maltrata a todos, e usa os personagens como objetos, bate e se diverte com cada um, incentivando a não demonstrarem ser fracos, e que em suas fragilidades deveriam retribuir todo sofrimento que sentiam, drogando-se, embriagando-se, vingando-se, matando, roubando, orgulhando-se, transgredindo tudo que é de boa índole para que se sentissem empoderados, sem deixar a máscara cair e sem mostrar fragilidade para a sociedade, amigos, filhos, pais e outros que estivessem em sua convivência. Em algumas dessas cenas ele os forçavam a fazer tudo isso, mesmo sem querer, como jogar cervejas e drogas na cara deles (Figura 7).

Figura 7 - Encenações realizadas durante a festa com o personagem Coringa.



Fonte: Autoria própria (2016).

O desfecho dessa reflexão, é quando um desses jovens resiste a essas mazelas oferecidas pelo Coringa e que consegue resistir os maus desejos que nós mesmos produzimos, respaldando a palavra que está na bíblia no livro de Tiago 4:7 “Resista ao diabo e ele fugirá de vós”.

Nessa cena, trabalhamos com diversos símbolos e significados, com máscaras que representam algo superficial, correntes que remetem a prisões, personagens que passassem a imagem de manipulador, um cenário que remetesse a boate, objetos como, armas, bebidas, drogas, músicas que tornavam o ambiente totalmente caracterizado, e personagem que representava com rostos deformados da realidade, pois cremos que a meta de espíritos não evoluídos, eles não gostam da criação divina e querem estragar a natureza em sua plenitude assim como a eles próprios (Figura 8).

Figura 8 - Finalização do evento e as cenas.



Fonte: Autoria própria (2016).

Seguindo ainda as atividades que são feitas em acampamentos de Jovens, outra de grande valia, foi o acampamento "Game Over" que falamos sobre o Porquê da morte, e como de costume, além das brincadeiras, gincanas, ministrações e palestras, sempre fazemos festas temáticas supracitados. E nestas festas que sempre fazemos ao menos uma, vem com alguma surpresa, que os levam a reflexão, nunca dizemos em quais dessas festas traremos algumas atividades que levem a refletir, pois assim eles se entregam intensamente em todas, geralmente são três dias com uma festa temática para cada dia.

E neste mesmo acampamento, bolamos uma ideia de fazer a festa *Black*, na qual todos deveriam ir de roupas preta. Contudo ninguém imaginava que a surpresa viria na mesma. Portanto todos se prepararam e incentivamos todos os jovens que seria a melhor festa e a mais animada do acampamento, por isso fomentamos muito todos os jovens a guardarem o entusiasmo, pois a festa teria muita dança brincadeira e afins, já que o ritmo do acampamento é bem dinâmico e frenético todos os dias.

Porém, nós da liderança, bolamos de fazer nesta mesma festa a reflexão chave dos acampamentos que nos faria refletir sobre a morte, portanto, começamos a trabalhar na cenografia do ambiente sem que os jovens percebessem, com todo o cenário de preto, alugamos um caixão de verdade, colocamos fumaça, iluminação vermelha e sons fúnebre de velório. Montamos literalmente um ambiente de velório, com velas, algumas pessoas encenando como entes queridos do “morto” sentado ao lado do caixão, chorando e se lamentando. Enquanto isso em outro ambiente os jovens aguardavam ansiosos para um superfesta, com expectativas que seria um Baile Black.

Após tudo organizado, damos o aviso da festa que iria começar e bem entusiasmados os jovens foram para o salão fazendo muita farra, gritaria e brincadeiras na expectativa de uma festa bem animada, já que era assim que havíamos motivado. Ao chegarem, todos juntos na algazarra levaram um tremendo susto, pois deram de cara com um caixão, que por si próprio tem um simbolismo muito forte de luto e tristeza, e imediatamente notamos a mudança de feição dos jovens para medo, confusos, pois pensaram que alguém de fato do acampamento havia falecido.

O som fúnebre trouxe mais forte ainda o clima pesado, e em seguida pedimos que todos se aquietassem pois estavam em um velório e iria ser ministrado uma palavra sobre a vida do morto que estava no caixão.

Foi um momento de muita estranheza, pois ninguém estava entendendo nada, os jovens ficaram aflitos e perplexos, pois começamos a falar muito sério, alguns encenando choros reais. Neste momento o intuito neste contraste de sentimentos de euforia e tristeza era para fazer uma analogia sobre os altos e baixos que temos na vida, pois ao mesmo tempo em que estamos alegres pode vir situações que mudam drasticamente a nossa vida, e o que era alegria se torna tristeza, a partir de então, começamos a trabalhar com os jovens sobre as adversidades que temos na vida e como devemos nos preparar para tais momentos conforme as filosofias bíblicas, quebrando toda expectativas de festa ao desempenhar uma performance.

Em seguida começamos a ministrar um velório, que até então, não se sabia de quem, começamos apenas a passar ensinamentos sobre a morte, como lidar com tais situações e que em um velório era o momento crucial de sabedoria de todo ser humano, pois ali é o lugar onde refletimos sobre nossa existência como descrito no livro de Eclesiastes 7:2 “ Há mais sabedoria em um velório do que em uma festa”, por essa razão tivemos a ideia de criar o cenário desse versículo (Figura 9).

Figura 9 - Decoração do velório encenado.



Fonte: Autoria própria (2016).

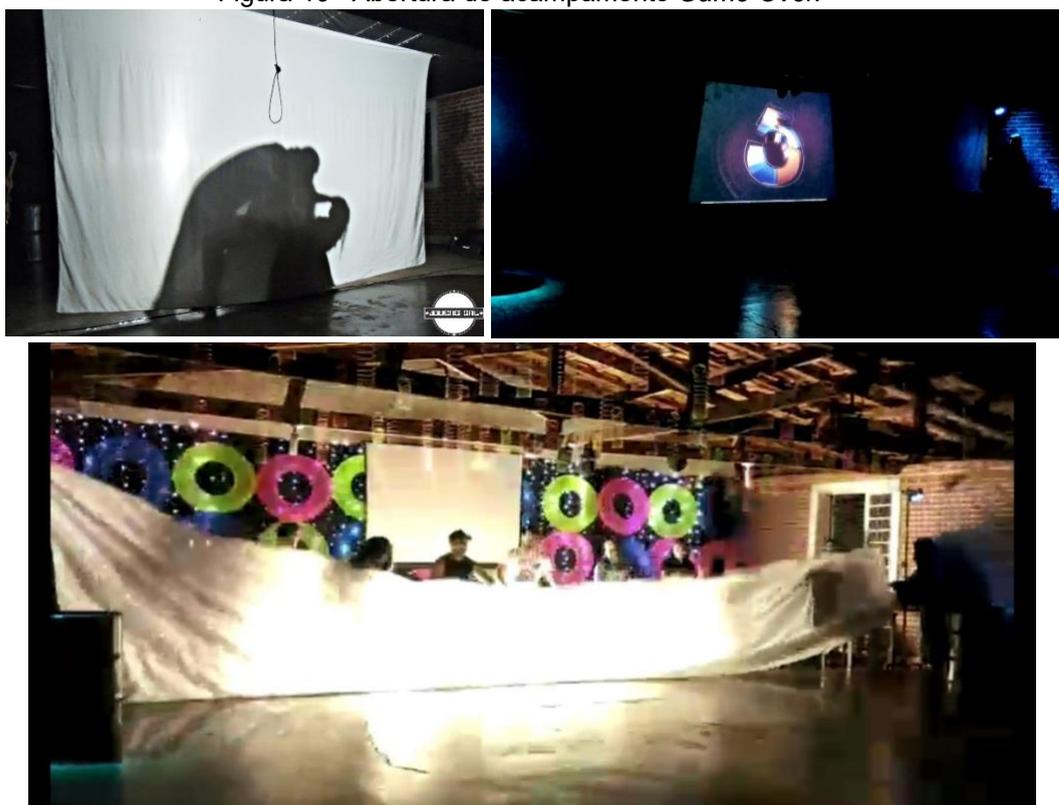
Em seguida, dando continuidade a ministração citadas, começamos a aguçar a curiosidade de quem seria a pessoa que havia morrido, despertando muita curiosidade neles, após muito tempo de suspense e de reflexões iniciamos a trazer palavras que remetessem à morte de sonhos, depressão, fazendo a analogia à curiosidade que tinham de descobrir quem estava morto com o questionamento de quem era o ser no qual fazia nos tornarmos muitas vezes fracassados.

Após uma retórica bem respaldada, induzimos os jovens a fazermos um cortejo levando o caixão que estava fechado, até uma sala bem pequena em outro espaço da fazenda e, chegando à porta, deixamos apenas o caixão dentro da sala, dando a

oportunidade de cada jovem entrar na sala um por vez e olhar pelo vidro quem era o morto. Muitos ficaram resistentes, pois a sala era em um lugar no meio de arvores e mato, em um lugar escuro a noite, porém a curiosidade prevaleceu e venceram o medo, e ao se depararem dentro do caixão olharam para ele e viram que, quem estava dentro do caixão, era eles mesmo, pois havia um espelho que refletia a sua imagem, trazendo a tona que, a pessoa que faz com que o sonhos delas não se realizem ou que não evolua espiritualmente somos nós mesmo, e que dependia apenas deles mesmo entender que estavam matando a si próprio não ressuscitando o morto que estava ali.

Por fim, todos entenderam a reflexão se emocionaram com as palavras e passamos a reflexão bíblica sobre Jesus ressuscitar Lázaro, mesmo morto após quatro dias e assim também seria na vida sentimental deles. E depois de tanta tensão realizamos uma festa para celebrar os ensinamentos, e dançaram e se divertiram.

Em algumas aberturas dos acampamentos fazemos sempre uma breve introdução com uma performance abordando o subtema do que iremos abordar, e no acampamento "*Game Over*" fizemos uma encenação de sombra, com uma jovem que iria se suicidar com uma corda amarrada ao telhado contando uma triste história de uma garota com depressão, contudo, assim que ela ia pular para se matar, aparece um homem e a socorre, em seguida desligamos as luzes de fundo e projetamos a imagem no tecido da história da redenção de Jesus que nos salvou da morte, depois começa uma contagem regressiva e o tecido cai com uma banda evangélica louvando uma música de superação (Figura 10).

Figura 10 - Abertura do acampamento *Game Over*.

Fonte: Autoria própria (2016).

E na cenografia, usamos de visualidade, muitas luzes e boias que representam férias e diversão e, ao fundo com um letreiro iluminado escrito JESUS, que representa a luz do acampamento (Figura 11).

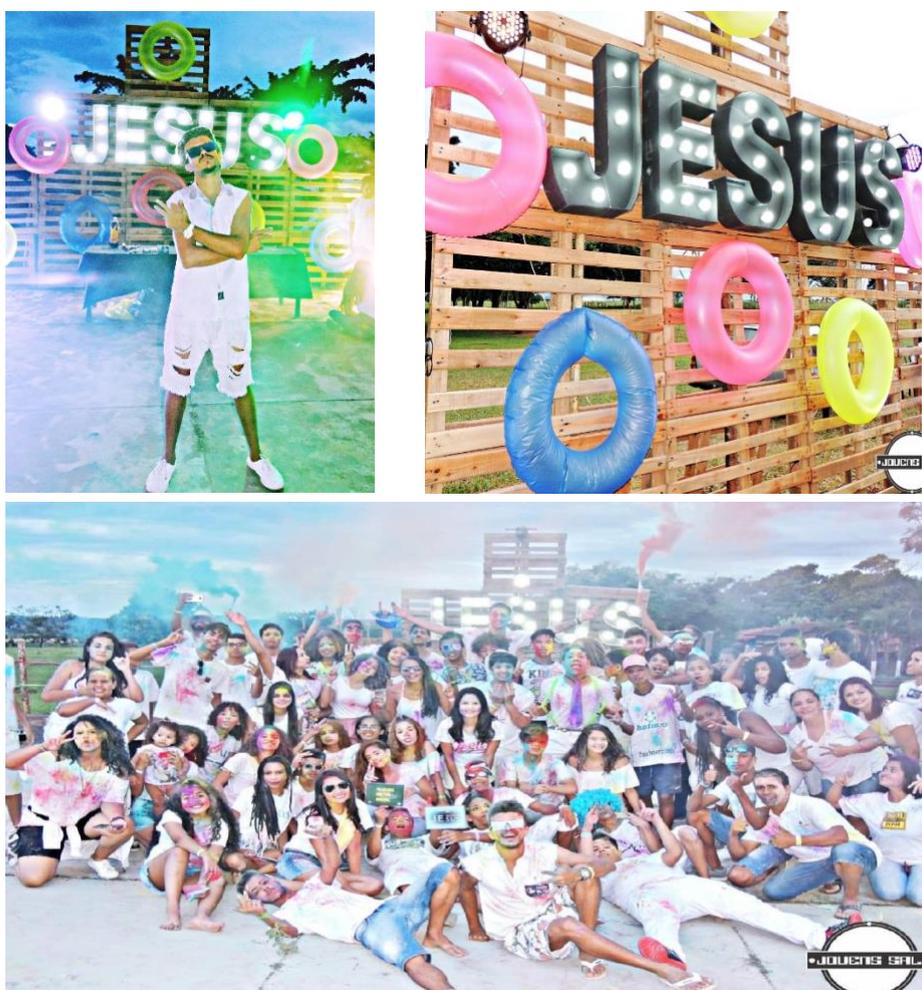
Figura 11 - Letreiro de luz iluminado no acampamento.



Fonte: Autoria própria (2016).

Como já citado acima, sempre fazemos festas temáticas no acampamento, e em uma dessas festas trabalhamos a visualidade das cores que lembram o arco-íris. Para celebrar a salvação, como na aliança feita com Noé após o dilúvio, em que Deus faz o arco com várias cores. Por isso, fazemos a festa das cores com pó coloridos para essa celebração simbólica e com cenografia temática também, com madeira e muitas cores, luzes e todos de branco representando a salvação que nos lavou dos pecados como descrito no livro de João 3:16 (Figura 12).

Figura 12 - Decoração da festa das cores.



Fonte: Aatoria própria (2016).

Em nosso ministério de jovens (Jovens Sal) fazemos também teatros para apresentar em eventos específicos da igreja, e em todos buscamos referências e montamos nossa encenação performática, trabalhamos visualidade, simbolismo que retrata algum ensinamento bíblico.

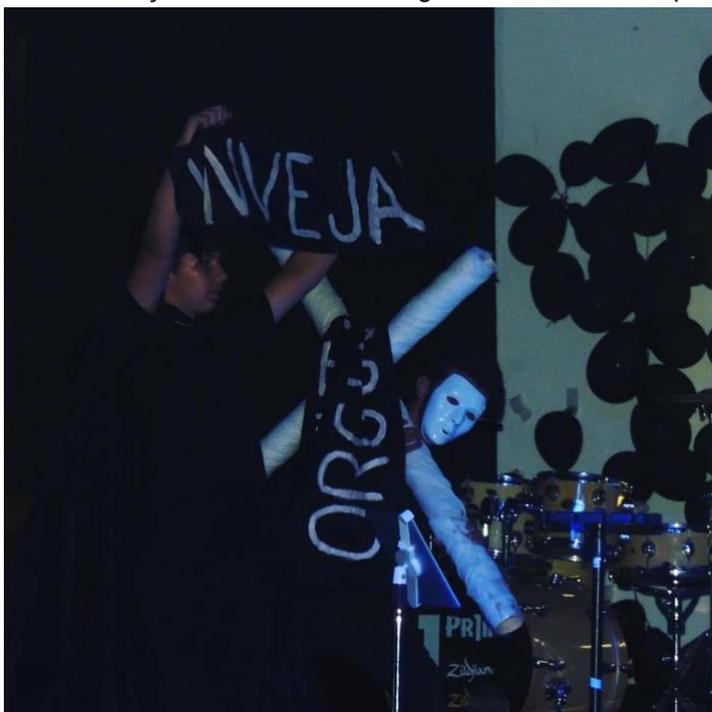
Em uma dessas performances demos o nome de “Bonecos de Plástico”, em que fazemos uma advertência quanto a evangélicos que frequentam a igreja, mas não são autênticos na fé, e acabam sendo manipulados pela religiosidade e liturgias vãs e vazias. Nesta encenação fazemos uma breve coreografia mostrando todos juntos fazendo o mesmo gestos de forma robótica seguindo o mesmo sistema com uma música ao fundo e resignificando a música com uma espécie de coreografia até que um boneco sai do sistema em busca de algo a mais, uma experiência com Deus além da religiosidade, e na peça, o único personagem que a ajuda a sair desse sistema é Jesus, que passa vários ensinamentos nessas cenas. Usamos como visualidade máscaras brancas para remeter a bonecos manipulados, a cruz e alguns pecados que Jesus carrega nesta cruz (Figuras 13 e 14).

Figura 13 - Performance "Bonecos de Plástico".



Fonte: Autoria própria (2016).

Figura 14 - Encenação dos bonecos carregando a cruz com os pecados.



Fonte: Autoria própria (2016).

E também usamos como cenografia o tema do evento, que falava sobre “*Influencer*”, onde falamos sobre o que nos influencia nos dias de hoje, e como visualidade, usamos duas coroas feitas de led para remeter a influência e poder com balões pretos ao fundo mostrando os influenciados.

Figura 15 - Decoração da representação de “*Influencer*”.

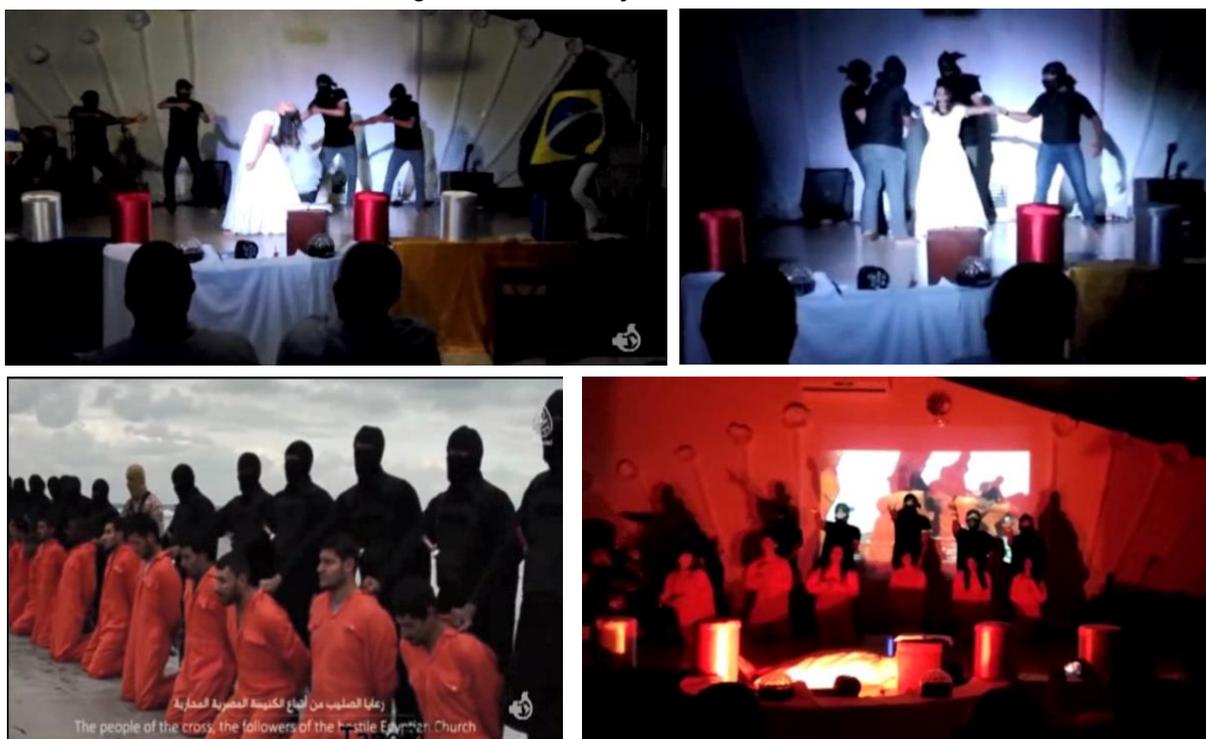


Fonte: Autoria própria (2016).

Em outra oportunidade, fizemos um teatro simbolizando a morte de cristãos que morreram no Egito por evangelizar em território árabe, neste, relatamos sobre a igreja perseguida, usamos uma noiva com símbolo da igreja, assim como é relatado no livro de Apocalipse. Na encenação a Noiva é espancada, e perseguida, e ao final

simulamos alguns evangelistas com roupas laranjas da mesma forma que aconteceu na vida real, em que todos foram assassinados. Ao fundo tocando uma música que faz menção a perseguição de cristãos, e todas a coreografia harmônica tanto com a música como a mensagem da perseguição (Figura 16).

Figura 16 - Encenação sobre a Noiva.



Fonte: Autoria própria (2016).

Ainda seguindo a simbologia da igreja como uma mulher e como noiva também fizemos uma encenação da Igreja evangélica adormecida, que ao contrário da igreja perseguida por fazer sua missão, existe a igreja que fica apenas entre quatro paredes, e não acorda para um despertar em cumprir sua missão que ajudar os órfão e necessitados e dar a direção do caminho de Deus, com isso mendigos e pessoas que precisam de suprimentos, chegam até a igreja pedindo ajuda, mas ela sempre adormece esquecendo de exercer o seu papel, com isto, colocamos uma faixa escrita 'hipocrisia' vendando os olhos da noiva, conceituando que ela sabe se aparentar como uma igreja mas não sabe se comportar como tal, Por fim, ainda na encenação sobrevém o desfecho que a igreja lida na qual é a com a consequências de vidas perdidas e omitidas. (Figura 17).

Figura 17 - Encenação da Igreja Adormecida.



Fonte: Autoria própria (2016).

Ainda no segmento de teatro, realizamos uma encenação que falamos sobre milagres, e fizemos uma analogia a um cadeirante que volta a andar pela fé, com a passagem de Pedro andando sobre as águas. Colocando uma música ao fundo que fazia alusão à passagem. Usamos tecidos azuis trabalhando a visualidade com a referência do mar. O cadeirante após longos processos de tribulação ele se levanta e começa a andar, pois, como acontece na vida, somos cercados de problemas, por tanto na encenação ondas começam a surgir com movimentos de tecidos e só acalma quando um personagem representando Jesus acalma a tempestade e o segura no colo, fazendo refletir que, nós por nós mesmos, não conseguimos realizar nada e sempre vamos necessitar de Deus e, que mesmo que começamos a andar ou romper em alguma área da vida, surgirá outros problemas e que só conseguiremos vencer se tivermos Jesus para nos ajudar em todas as adversidades (Figura 18).

Figura 18 - Encenação do milagre pela fé.



Fonte: Autoria própria (2016).

Além dessas encenações, fazemos diversos teatros para retiros espirituais com representação de Jesus, Demônios, Espírito Santo, Morte, Sabedoria (Figura 19).

Figura 19 - Turma de jovens antes de uma apresentação teatral.



Fonte: Autoria própria (2016).

Outro método que utilizamos da arte são os evangelismos, tanto em pequenos grupos reunidos nas casas com dinâmicas e reflexões, como nas ruas, representando

a salvação. Nos pequenos grupos já fizemos inúmeras atividades, como por exemplo, pedir a cada pessoa para que coloque todos os celulares dos membros presentes no grupo, em uma caixa, e sem que todos percebam trocamos a caixa por uma caixa cheia de celulares, porém velhos, e fazemos a pergunta: Quem teria coragem de dar seus celulares que são preciosos pela vida de um amigo? A princípio todos dizem que teria, mas, quando menos esperam, jogamos a caixa bem parecida com as que foram recolhidas com os celulares de cada um e jogamos no chão dando a impressão que todos os celulares foram quebrados, porém, neste instante já é outra caixa com celulares velhos que quebraram após a queda, daí todos ficam desesperados relutantes consigo mesmos, pois disseram ter coragem de salvar a vida de um amigo por um celular, e quando simulamos na prática, todos se arrependem e percebem que falaram da boca pra fora. Essa dinâmica é feita para refletir sobre a vida de Jesus que se entregou por amor a seus amigos e que mesmo sendo um sacrifício ele entregou sua própria vida.

Também fazemos dinâmicas interativas com jogos e outros materiais, todos fazendo alusão a alguma passagem bíblica ou algum ensinamento bíblico. Estamos sempre nos reinventando, pois toda semana o grupo se reúne para compartilhar da palavra de Deus e ter um tempo de reflexão (Figura 20).

Figura 20 - Dinâmicas realizadas pelo grupo de jovens.



Fonte: Autoria própria (2016).

E também, fazemos performance no evangelismo de ruas, ministrações de palestra, como por exemplo, ministrar sobre hipocrisia gesticulando e performando aspectos de um

hipócrita religioso, que cumpre com os costumes cristãos, mas não segue os ensinamentos corretos, apenas usa uma máscara de “Crente”.

Figura 21 - Interpretação das "máscaras" de "Crente".



Fonte: Autoria própria (2016).

E para finalizar, também usamos a visualidade na cenografia temática das séries mensais que se realizam na igreja, todos os meses fazemos painéis temáticos para ilustrar aquilo que será dito durante o mês, como por exemplo, guerras espirituais, dia das Mães, Natal, entre outros eventos (imagens em anexo).

4. A CONCEPÇÃO DE UMA OFICINA DE ARTE E RELIGIÃO COMO CAMPO INVESTIGATIVO

Logo, realizando uma pesquisa qualitativa, onde foram observados fenômenos para então se chegar aos resultados, esse estudo teve um objetivo exploratório, contemplando um grupo de jovens cristãos como participantes.

Partindo deste pressuposto, foi construída uma pesquisa baseada em um estudo de campo, onde foi organizada uma oficina na Garagem da Célula Holy, voltada para o Grupo de Jovens Cristãos, onde fosse possível traduzir o entendimento sobre a religião evangélica através da expressão de arte. O objetivo era desconstruir quaisquer rótulos a respeito da religião, trazendo assuntos bíblicos para discussões mais contemporâneas e que atingissem mais o público jovem. Foram planejados 3 (três) encontros semanais de 2 (duas) horas cada um para realizar a oficina, participando não somente os jovens, mas também adultos e crianças que estavam presentes durante a realização do projeto. Os encontros, realizados aos sábados, foram divididos da seguinte forma:

- Encontro 1: Apresentação de conceitos teóricos a respeito da arte;
- Encontro 2: Dinâmicas sensoriais que envolvam atividades individuais e em grupo;
- Encontro 3: Produção artística.

As pessoas do grupo de jovens foram convidadas com um convite formal, explicando que a oficina abordaria o ensino da arte através da religião evangélica, onde participaram 12 (doze) pessoas, de idades variadas e de ambos os sexos.

Para iniciar o cronograma, foi necessário definir como a arte seria abordada aos participantes da oficina, por isso, foi escolhida o estilo de arte de assemblagem, conceito francês criado por Jean Dubuffet na década de 1950 que, buscava construir colagens com objetos tridimensionais, visando a expressão de arte de forma mais abstrata e livre (COSTA, 2018). Visando abordar a religião evangélica, argumenta-se que dar mais liberdade criativa para construção da arte viabiliza que os participantes possam expressar o seu sentimento sobre Deus e assuntos correlatos, conseguindo assim diversos resultados artísticos.

4.1 Arte e religião como prática formativa

A arte e a religião têm desempenhado papéis significativos como práticas formativas ao longo da história, influenciando o pensamento, comportamento e identidade cultural das sociedades. Como já citado neste estudo, pode-se perceber que ambas podem ser interligadas no processo de formar indivíduos, tendo em vista que um conceito auxilia ao outro no que tange ao entendimento sobre expressão, comunicação e emoções.

Tem-se que a arte e a religião são capazes de transparecerem valores, já que possuem narrativas que transmitem ideias culturais, históricas, morais e sociais que dão maior embasamento quanto ao entendimento da construção das civilizações e do próprio indivíduo. A pessoa, tanto através da arte como da religião, consegue compreender melhor a sua visão sobre o mundo, já que existem muitas discussões filosóficas sobre moral e ética em ambas as áreas. Tal embasamento permite que o entendimento sobre a vida seja criticamente discutido, já que leva ao questionamento de virtudes e estabelece pensamentos a respeito da ética (Furlanetto, 2012).

Além da compreensão sobre a vida, o indivíduo também consegue entender melhor sobre seu papel no mundo, assumindo identidades e participando de grupos sociais durante este trajeto. A participação em práticas artísticas ou religiosas muitas vezes oferece um senso de pertencimento a uma comunidade cultural ou espiritual, moldando a maneira como as pessoas se veem e se relacionam com os outros. Ao mesclar a arte e a religião, seja por meio de teatro, música, textos, pinturas e outras formas objetivas de arte, é possível que desenvolva sentimentos e experiências transcendentais aos indivíduos, de forma a incentivar a reflexão sobre o espiritual através de outras formas de olhares (Araujo; Rabelo, 2023).

Logo, pode-se afirmar que tanto a arte quanto a religião têm sido meios de educação e transmissão de conhecimento ao longo da história. Mitos, parábolas e obras de arte podem servir como veículos para transmitir tradições, ensinamentos e valores de geração em geração. Ambas desempenham papéis cruciais na criação de comunidade e ritual. As práticas religiosas muitas vezes incluem rituais e cerimônias, enquanto a arte pode ser incorporada em celebrações culturais e ritos de passagem, reforçando a coesão social (Araujo; Rabelo, 2023).

Por fim, foi possível verificar através da atividade proposta ao Grupo de Jovens que a arte, em suas diversas formas, incentiva a imaginação e a criatividade,

estimulando a mente e proporcionando uma maneira de explorar novas perspectivas e possibilidades. A religião, por meio de suas narrativas e mitos, também pode envolver a imaginação e inspirar a criatividade espiritual.

4.1.1 O conceito de belo

O primeiro encontro iniciou com o conceito de belo. Percebi que para muitos, entendia-se que a arte para ser considerada arte precisava ser bela, entendível e explicável; tendo sempre esclarecimentos sobre o que foi reproduzido. Primeiramente, foi necessário compreender essa limitação precisa ser superada, tendo em vista que a arte não precisa ser explicada e a compreensão sobre o que é belo pode ser relativa, já que o que é bonito para uns pode não ser bonito para outros.

Assim, para comprovar estes argumentos, apresentei aos participantes da oficina a imagem de uma cobra. A imagem de cobra em questão, foge do convencional, por ter um tom mais azulado e por possuir uma aparência que pode exaltar diversos sentimentos em quem aprecia a obra. A imagem apresentada está na Figura 22.

Figura 22 - Cobra apresentada aos participantes.



Fonte: Google Imagens (2023).

Foi perguntado aos participantes se o animal era bonito, considerando como resposta sim ou não, seguido de uma justificativa. Junto à imagem, foram apresentadas passagens bíblicas sobre a expressão da religião evangélica a partir de apresentações bíblicas, sendo um representativo sobre estar na presença de Deus e aos sentimentos que isso provoca sendo demonstrados pela arte. Um exemplo disto, foi a passagem que cita Moisés, onde ele levanta aos céus uma serpente para mostrar ao povo, sendo um ato simbólico de acordo com a bíblia, considerando que seja necessário também levantar o Filho do Homem para que se acredite na vida eterna. Outra performance que a bíblia apresenta é o caminhar do profeta nu, demonstrando como as pessoas se sentem por não estar na presença de Deus; dando o entendimento das diversas possibilidades de interpretação dessas passagens, sendo chamada de arte profética.

Essa atividade teve como princípio apresentar os conceitos de arte, para que os participantes se familiarizassem aos conteúdos que seriam passados posteriormente. Com essa introdução, viu-se muitas opiniões sobre o que a imagem de cobra passava para os participantes da oficina, abrindo espaço para novas discussões sobre as diferentes interpretações que poderiam surgir a partir daquele momento.

4.1.2 Experiências sensoriais

No segundo encontro, foram desenvolvidas experiências sensoriais com os participantes, onde apliquei três dinâmicas que utilizassem os sentidos nervosos como forma de se relacionar à arte.

A primeira dinâmica utilizou o som como sentido, onde apresentei 3 fundos musicais para os participantes, para observar as diferentes emoções que podem surgir a partir do estímulo sonoro. A primeira música possuía um timbre alegre, a segunda música possuía um timbre triste e a terceira música possuía um timbre de suspense. Os participantes foram incentivados a expor o que cada música transmitia para eles.

A segunda dinâmica eu priorizei o toque, onde encorajei que fossem formadas duplas. Cada dupla recebeu um lápis e folhas de papel, de forma que um participante posicionasse a folha nas costas do outro participante e desenhasse uma figura. O participante que não conseguia ver o desenho, tinha a responsabilidade de adivinhar o desenho somente pelo toque do lápis, testando o seu sentido. Após a adivinhação,

as duplas deveriam inverter o papel, onde quem desenhou agora deveria adivinhar o desenho.

Por fim, a terceira dinâmica utilizou o som, colocando tipos diferentes de melodias para que os participantes ouvissem e reproduzissem figuras através de colagem. Para isso, foram disponibilizados recortes de papel em diversas formas geométricas diferentes e com cores variadas, construindo uma composição visual a partir do estímulo e percepção auditiva.

4.1.3 Assemblagem

No último encontro, apresentei a arte abaixo para os participantes, a fim de explicar o que é a assemblagem e como ela é construída.

Figura 23 - Assemblagem construída para a oficina.



Fonte: Autoria própria (2023).

A arte em questão chama a atenção pelos diferentes tecidos que a compõem, além de uma ligação grosseira feita com costura à mão. O coração é relacionado à passagem bíblica que versa sobre as dores da vida, onde um tecido é visivelmente mais forte, lembrando couro; enquanto o outro é mais leve e transparente, criando um contraste. Além deste entendimento, é possível trazer à tona a noção do belo e a arte, tendo em vista que paradigmas são quebrados ao compreender o que essa arte significa e mesmo ela não sendo esteticamente convidativa, possui um significado profundo.

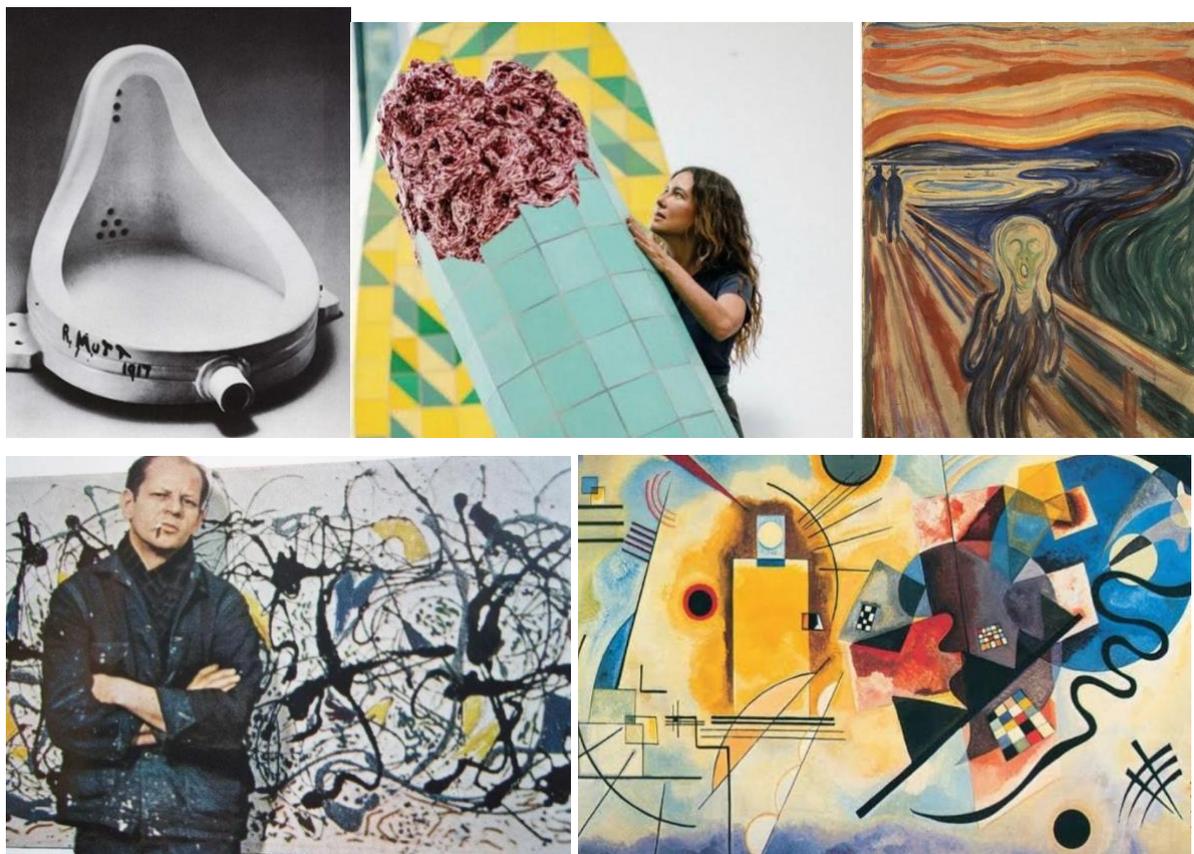
Além desta arte, também apresentei artes digitais de artistas bíblicos que recriaram os anjos de acordo com o que a bíblia descreve, desmistificando a ideia de formas humanoides para os anjos, trazendo novamente o conceito do interpretativo. Com isso, é visto que não é preciso fazer sentido para ser arte.

Figura 24 - Arte digital de anjos.



Fonte: Google Imagens (2023).

Figura 25 - Exemplos de artes não convencionais.



Fonte: Google Imagens (2023).

As figuras mostram exemplos como o mictório exposto por Marcel Duchamp e ainda a carne de Adriana Varejão, demonstrando as diversas formas em que a criatividade pode ser expressa. Os exemplos serviram para que os participantes compreendessem que qualquer tipo de arte é aceito para demonstrar o que a religião evangélica e Deus representam, incentivando que as pessoas fizessem os mais diversos tipos de arte, como visto nos resultados.

4.2 Resultados e discussão de cada etapa da oficina

Muitas obras de artes são bastante intrigantes quanto a aspectos que chamam a atenção do observador, como por exemplo, quando vemos algum material, cor ou textura que nos remetam a alguma sensação pessoal, de momentos que já vivemos, e por mais estranha ou aceitável que seja determinado elemento contido na obra, sempre somos atraídos por objetos que identificamos de alguma maneira, e essa identificação está atrelada muitas das vezes por inúmeras experiências já percorridas no consciente de cada pessoa. E ao se deparar com determinado elemento, podemos ter repulsa ou interesse de aproximação, tudo vai depender da relação que essa tal coisa já teve em suas experiências.

Um exemplo disso é quando em uma obra de arte se usa algum pigmento de cor vermelha. Para cada indivíduo os atributos da mesma podem gerar reações diferentes, isso porque ela estará intrínseca à sua vivência. Recentemente conheci uma família na qual tiveram um momento muito difícil pela perda do chefe de família, pai de duas crianças, uma de oito anos de idade, e outra de 15 anos, a relação com essas crianças era bem próxima e bastante afetuosa, porém uma fatalidade da vida, eles tiveram que vivenciar uma cena que marcara suas vidas para sempre, uma tarde no ano de 2021 um acidente gravíssimo de moto aconteceu na porta de sua casa, conseqüentemente elas viram toda a tragédia, onde seu pai por um descuido perdeu o controle e bateu de frente a uma árvore levando a óbito na hora. E algo que ficou marcado na mente delas foi ver o corpo do seu pai todo ensanguentado e isso abalou muito o emocional de cada uma, porém a criança mais velha lidou apenas com a saudade e a tristeza de não tê-lo mais presente consigo, contudo a criança mais nova foi marcada pela convergência de aspectos de elementos contidas naquela cena da tragédia, por tanto, todos eles elementos de alguma forma marcaram sua consciência

que hoje após muito tempo do acidente tem refletido de alguma maneira em seu comportamento.

Isso se tornou notório após sempre desenvolvermos atividades na igreja onde a família procurou ajuda, quando em uma dessas ações procuramos elucidar ensinamentos bíblicos com materiais repletos de cores, símbolos, texturas, e entre outros materiais que ajudam na didática da “escolinha” da igreja, e esses materiais nem todos faziam bem para essa criança, pois tudo que continha pigmentação nas cores avermelhada a criança tinha um grande repulsa e aversão a esses materiais.

Após uma longa conversa com a mãe da criança entendemos o porquê deste comportamento em relação às atividades e materiais utilizados. A responsável da criança nos relatou todo o ocorrido em sua família e as consequências geradas a partir de então.

E foram relatos como este e outros momentos vividos em um contexto religioso que foi observado a importância e relevância quanto aos símbolos, cores e elementos que utilizamos no dia a dia em nossas atividades.

Na igreja citada, eu possuo as funções de diretor de artes da igreja, decorador, fotógrafo e líder de jovens, atuando em diversas atividades realizadas na igreja, desde produção de performance musicais, decoração, realização de eventos a ministração de ensinamentos bíblicos. E após começar a observar a importância de elementos simbólicos, cores e outros elementos que influenciavam muitos na vida das pessoas como foi o relato da criança que viveu o momento tão trágico supracitado, iniciei então uma captação de dados que faziam muito sentido quanto à experiência vivida. E ao utilizá-las percebi o quanto são significativas para as atividades que realizo periodicamente no contexto religioso.

Após esse despertar, que é a importância dos elementos simbólicos para as nossas sensações, suas obras começaram a ficar mais vivas trazendo cada vez mais elementos conceituais, porém, muitas das vezes esses conceitos foram sendo expostos de uma forma intuitiva por todos que fazem parte de suas atividades, contudo vamos observar que na realidade a intuição está atrelada a vivência pessoal de cada pessoa. Assim como disse Luciana Barone em sua dissertação, “Inconsciente, subjetividade e processo de criação”.

Jung entende a consciência, que é ligada ao ego, como subjetiva, por seu caráter personalístico. Já o inconsciente, pode abranger tanto conteúdos psíquico-esquecidos esquecidos no decorrer da vida e impressões e percepções subliminares, ideias fracas que não têm energia para atingir a consciência (camada pessoal), quanto conteúdos inatos, herdados, instintivos (camada impessoal). Esta camada, mais profunda, é mais objetiva, pois universal, sendo mais regular e previsível. É dela que advêm os arquétipos, que, como sugere o próprio nome, são matrizes arcaicas, que concentram energia psíquica. Quando atualizada, esta energia se configura como imagem arquetípica. A imagem se dá, em primeiro lugar, metaforicamente. Como o arquétipo, em certo nível, permanece sempre desconhecido, a metáfora de sua interpretação é sempre aproximativa, e nunca precisa. (Barone, 2014, p.26).

Desde a minha entrada na igreja Sal da Terra Setor Sul, realizo atividades de diferentes segmentos, na igreja atuo como diretor de artes em eventos para jovens, como na elaboração de decoração e performance.

As performances são feitas em acampamentos, retiros, reuniões de ensino e eventos que a igreja proporciona aos jovens com o intuito de ensinar conceitos bíblicos. Os acampamentos geralmente são realizados em uma estância em contato direto a natureza. Nestes acampamentos são realizadas dinâmicas, gincanas, festas, teatro e outras atividades com o foco de elucidar os ensinamentos proposto pela Bíblia. Os jovens ficam no local por três dias aprendendo e brincando ao mesmo tempo, e o desafio da liderança da igreja na qual faço parte, é mesclar o entretenimento, arte ao ensino, trazendo alegorias na prática sobre nossas doutrinas.

Com isso nós passamos por um longo processo de criação elaborando primeiro a temática a ser abordada no acampamento, ou seja, quais as reflexões que querem que os jovens saiam no último dia do acampamento, como é o caso da criação das performances teatrais.

Nelas, eu crio, baseado nas temáticas, cenas que ilustrem a reflexão proposta, portanto no processo de criação, conseguimos abrir a oportunidade para alguns jovens que querem ajudar na performance e realizam diversos ensaios para o processo de criação, e ali é exposta a subjetividade de cada jovem com suas realidades criando assim uma performance de experiências coletiva, gerando um produto final que permeia a vivência de cada espectador.

E em cada peça que constroem é evidente a subjetividade de cada aluno sendo exposta, pois são jovens que vivem em um contexto socioeconômico vulnerável, que moram em regiões periféricas da cidade de Uberlândia, e que são facilmente notados em sua realidade, como desestrutura familiar, criminalidade, prostituição e vícios.

Enfim, neste ministério de jovens são feitas inúmeras atividades como métodos pedagógicos de ensino cristão com jovens, desde decorações como relatadas, à performance e às instalações, carregando um grande teor simbólico, no qual acreditam ser intuitivo, como em outros casos que representam em teatros a noiva como igreja, para relatar diversos significados atrelado à mesma, pessoas debilitadas cadeirantes que recebem a cura para elucidar as limitações humanas de caráter sendo reconfiguradas apenas pelo exemplo de Jesus que os ensinam o caminho a percorrer, e também em instalações que partiram do pressuposto de uma frase bíblica munidos de símbolos, processo de criação coletiva no qual iremos analisar.

4.2.1 O conceito de belo

Como observado anteriormente, durante a dinâmica realizada com a imagem da cobra, percebemos que em decorrência do medo que uma pessoa pode ter pelo animal, o entendimento do que é belo pode ser diverso. Além disso, a posição da cobra que indica um ataque, pode incentivar uma aversão pelo animal, podendo também influenciar se a imagem é bonita ou não. Na maioria, as pessoas acharam o animal bonito, tendo em vista a sua cor diferenciada e a postura que o animal está posicionado. No entanto, aqueles que não a acharam bonita, assim consideraram por conta de achar a cobra assustadora, ou então por sentir perigo pelas feições.

Tal entendimento gerou uma discussão sobre o que seria bonito ou não, considerando que o bonito por vezes não é aquilo com formas perfeitas ou então que passem uma visão de segurança. Isso também despertou o que a natureza é capaz de prover, tendo em vista que embora a imagem seja digital, seria possível obter uma “obra de arte” a partir da própria natureza.

4.2.2 Experiências sensoriais

Para a primeira dinâmica de som, os participantes relataram os mesmos sentimentos para cada tipo de música. A música feliz estimulou bons pensamentos, além de boas lembranças para cada indivíduo, demonstrando que foram sentidas boas emoções.

Figura 26 - Participantes ouvindo às músicas.



Fonte: Autoria própria (2023).

A segunda dinâmica levou a um momento de descontração divertido, mostrando que a percepção sobre o que era desenhado não era fácil de ser adivinhado. Para facilitar a dinâmica, foram incentivados desenhos simples, como bonecos, formas geométricas, corações e afins. As figuras a seguir demonstram a oficina.

Figura 27 - Dinâmica de desenho em duplas.



Fonte: Autoria própria (2023).

A terceira dinâmica possibilitou a construção dos seguintes projetos.

Figura 28 - Oficina e desenhos realizados com os jovens e adultos.

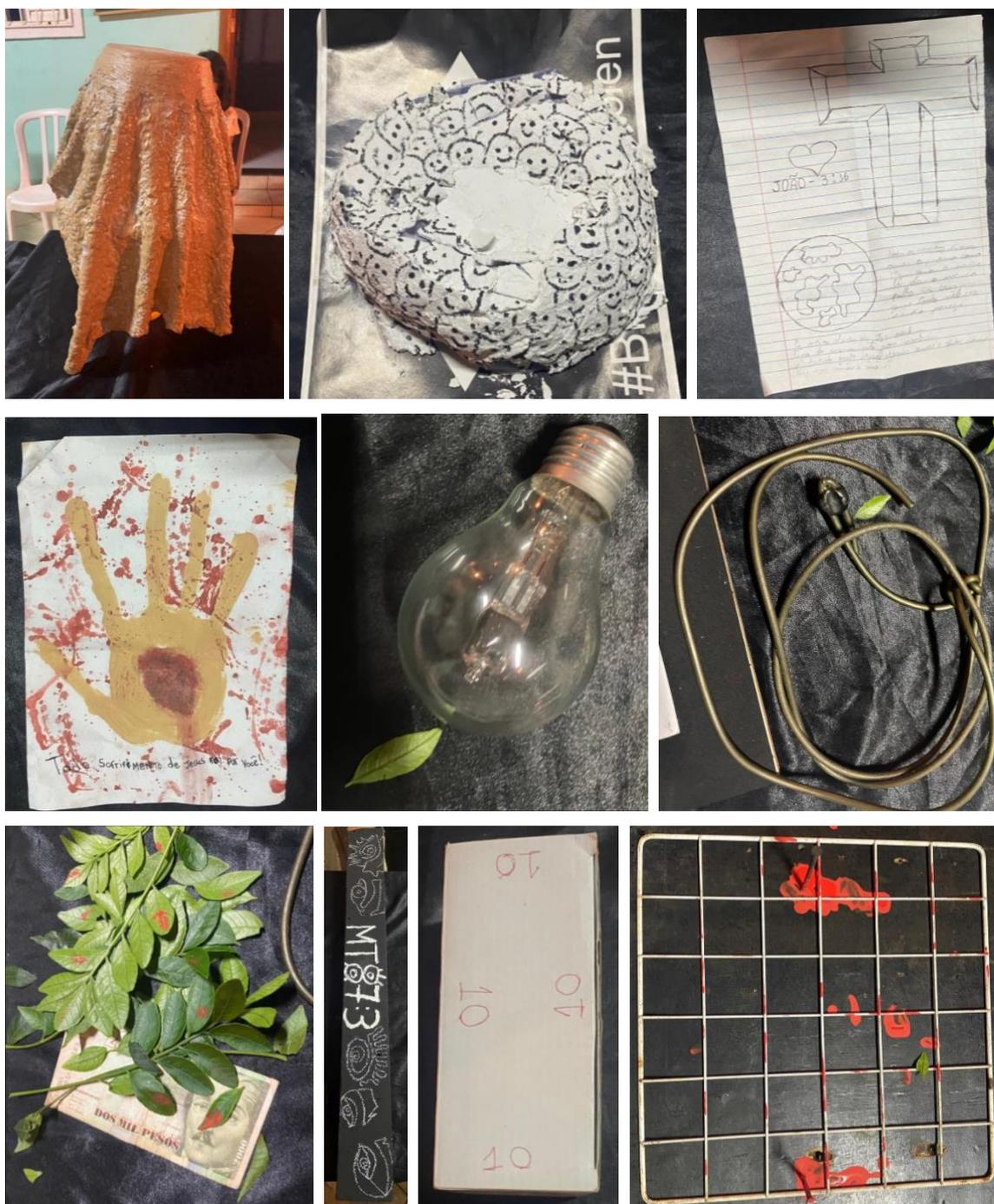


Fonte: Autoria própria (2023).

4.2.3 Assemblagem

Foi proposto que os participantes se inspirassem nas obras mostradas ao longo da oficina, a fim de que eles mesmos fossem capazes de construir as suas obras, como visto a seguir.

Figura 29 - Projetos apresentados pelos participantes.



Fonte: Autoria própria (2023).

Cada projeto apresentado representa uma passagem da bíblia considerada importante para o participante, sendo possível observar os mais variados tipos de expressão e utilizando os mais variados materiais. Um exemplo que chamou a

atenção, foi a armação quadrada com a tinta vermelha, onde o responsável pela obra relatou se tratar do sangue e amor de Cristo.

4.2.4 Reflexões

De acordo com o que foi apresentado e o que era conhecido pelos participantes da oficina, foi possível observar que a apresentação dos conceitos artísticos e os exemplos de obras que expressam sentimentos através de diversos formatos, culminaram em muitos tipos de trabalhos feitos pelos participantes. Além de objetos e colagens, os participantes também confeccionaram esculturas e desenhos, indo além do que foi pedido, sendo isso encarado como algo positivo.

A expressão da criatividade deve sempre ser incentivada dentre os responsáveis pela construção de projetos de arte, pois é através deste incentivo e da apresentação de conceitos que o indivíduo consegue superar a ideia do que a arte pode ser e assim elaborar projetos complexos que tenham fundamentos, sem necessariamente possuir uma explicação. Ao aplicar uma temática, como foi o caso da oficina, o sentimento pode aflorar de formas diferentes em cada pessoa, o que fica visível pelos mais diversos tipos de projetos finalizados.

Além disso, durante as dinâmicas, houve uma grande participação e colaboração por parte dos jovens, o que acabou culminando em uma experiência divertida e informal, onde foi possível aprender de forma lúdica. A divisão destas dinâmicas do projeto prático e da parte teórica, fez com que fosse possível que possuíssem diversos momentos de exaltação da arte, conhecendo diversos formatos sobre como fazê-la de formas diferentes.

Por fim, os participantes relataram que foi possível falar de Deus e religião evangélica mesmo sem usar as palavras, já que ao projetar a sua própria arte partindo do princípio de passagens bíblicas e da própria arte profética, os jovens conseguiram expor seus pensamentos e sentimentos a partir da confecção de seus próprios itens artísticos.

5. CONCLUSÃO

Viu-se que a complexidade da arte e a religião, não são as únicas formas que ambas se cruzam durante a história, onde se vê que ambas são formas de expressão e podem ser expressas juntas ou não. No entanto, não é correto limita-las somente à expressão, já que o artista que cria um objeto, faz com que se comunique de alguma forma com receptores que irão prestigiar a obra, e cada um pode interpreta-la de uma maneira.

Além da limitação à expressão, também não é correto limitar a arte ao belo, tendo em vista que o belo também é interpretativo e pode ser relativo para cada receptor. Assim, passar estes ensinamentos adiante é de extrema relevância para as formas de artes, fazendo com que se torne conhecido a sua conceituação e apreciação complexas.

Através do estudo, foi possível conhecer formas de aplicar as artes ao ensino, não precisando ser um ensino formal, mas sim um ensino eficaz que passe o conceito pretendido. Com isso, ao demonstrar ao Grupo de Jovens que a arte não precisa ser bela para ter sentido, assim como, não precisa ter interpretação determinada para expressar ou comunicar algo, viu-se que foi construído conhecimento a partir da oficina. Com isso, ao introduzir a religião evangélica, foi utilizado um meio para ensinar a arte, demonstrando a sua conexão.

Assim, vê-se que este estudo pode ser útil para agregar à literatura relacionada às artes, de forma que mais pesquisas possam ser realizadas para compreender como o ensino de artes e as atividades religiosas podem se completar.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Adéle Cristina Braga; RABELO, Josefa Jackline. A função social da arte e os desdobramentos na formação estética do ser social. **Acta Scientiarum. Education**, v. 45, 2023.

BARONE, Luciana Paula Castilho. **Inconsciente, subjetividade e processo de criação**. Paraná: Faculdade de Artes do Paraná, 2014.

COSTA, Thays Alves. O informalismo francês e a matéria em Jean Dubuffet. **Revista do Colóquio**, n. 14, p. 44-54, 2018.

FURLANETTO, Beatriz Helena. A arte como forma simbólica. **Revista Científica FAP**, v. 9, p. 36-50, 2012.

KNOLL, Victor. História, religião e arte. **Tempo social**, v. 8, n. 2, p. 105-117, 1996. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ts/a/9hWDVgJF3jVXqKTJdQQwqwk/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 24 nov. 2023.

MOURA, Vítor. **Arte em teoria: uma antologia de estética**. 1ª edição. Ribeirão: Edições Húmus. 2009.

TOLSTÓI, Leon. **O que é arte?** Nova Fronteira, 2019

TOURINHO, Irene. Emoções e sentimentos: polêmicas sobre o ensino de arte. **Comunicação & Educação**, v. 25, n. 36, p. 36-44, 2002.

ANEXOS







